Dar voz a quem constrói o futuro

O início do caminho que conduzirá as famílias do Mundo a Milão, em 2012, foi definido pelo Papa na sua carta tornada pública ontem. É um início que deseja abranger todas as famílias, a Igreja, a sociedade. É exigida pela própria realidade que está em jogo, a família: essa existe - apesar de afectada por fragilidade, crise, contradições e tentativas de mortificação mas sempre ressurgente e viva, promissora e incisiva nas suas energias pessoais e sociais originais.

O envolvimento toca de modo específico a Igreja em todas as suas articulações e no sentido de uma responsabilidade que se deve insinuar na experiência diária. O caminho que nos é proposto deverá desenvolver-se num horizonte de circunferências cada vez mais amplas: das comunidades paroquiais às dioceses, destas às Igrejas das diferentes Nações do Mundo, até toda a Igreja Universal.

As questões particulares nas quais reflectir e empenhar-se são o trabalho e a festa na vida da família: dois dons e bênçãos de Deus, dois bens e instâncias fundamentais da família e da sociedade, duas experiências que se oferecem à fé e à razão. No centro da tarefa que o Papa atribui ao evento de 2012 encontra-se a «relação recíproca» que deve ser sempre reconhecida, defendida e promovida para um autêntico crescimento humano e humanizante - entre a família, o trabalho, a festa e a sociedade. Portanto, o trabalho e a festa devem ser lidos em chave familiar e social, assim como a família e a sociedade em relação ao trabalho e à festa.

Alguns aspectos exprimem a novidade deste *Encontro Mundial para as Famílias* em relação aos anteriores. Em primeiro lugar o tema escolhido: um tema "laico" que se afasta do perímetro de uma consideração apenas *intraeclesiástica* e *religiosa* da família. A ligação estreitíssima entre o trabalho e a festa, relacionando os dois momentos que qualificam toda a vida familiar, mostra a família como núcleo espontâneo: é o fundamento das ligações primordiais da sociedade; é o local onde a experiência viva do ser genitor, filho, irmão - se constroem as relações do futuro; é o sujeito principal que cada Nação é chamada a defender.

Um ponto de partida precioso que o Papa nos oferece é a memória do XXXº aniversário (em 2011) da exortação apostólica *Familiaris consortio* de João Paulo II. Uma verdadeira *Magna Carta* da pastoral familiar, ainda hoje portadora de várias novidades que o Encontro de 2012 deverá pôr a descoberto. A exortação, depois de ter ilustrado amplamente o desenho de Deus que considera a família como uma «pequena igreja», traça um caminho que parte da importância da família como «primeira e vital célula da sociedade», passa pela família considerada como lugar de relação e de comunhão e conduz à acentuação do seu

papel social: «As famílias, quer individualmente quer associadas, podem e devem portanto dedicar-se a numerosas obras de serviço social, especialmente em vantagem dos pobres e de todas as pessoas e situações que a organização previdencial e assistencial das entidades públicas não consegue alcançar».
Mas, para que as famílias possam dar a sua própria e insubstituível contribuição para o bem comum, são indispensáveis políticas adequadas: como executar a sua própria missão se as famílias não têm a possibilidade - por exemplo - de ter acesso a uma casa e a um trabalho digno? É a mesma *exortação apostólica* a mostrar uma lista exacta de *direitos da família* que ainda hoje, em Itália, estão muito longe de se tornarem realidade. Saudamos com alegria o Encontro Mundial que o Papa atribui a Milão para 2012: é uma ocasião favorável para que *as famílias possam ter a palavra:* não somente para dialogarem, encontrarem-se, conhecerem-se, mas para que as suas exigências possam ser ouvidas e promovidas. Desde sempre as famílias são portadoras de autênticas mensagens de vida, de esperança e de amor: a Humanidade é devedora a esta instituição. Este débito deve ser reconhecido. Por todos. E nos factos.

Dionigi Tettamanzi, Arcebispo de Milão

(de "Avvenire", 30 de Setembro de 2010)